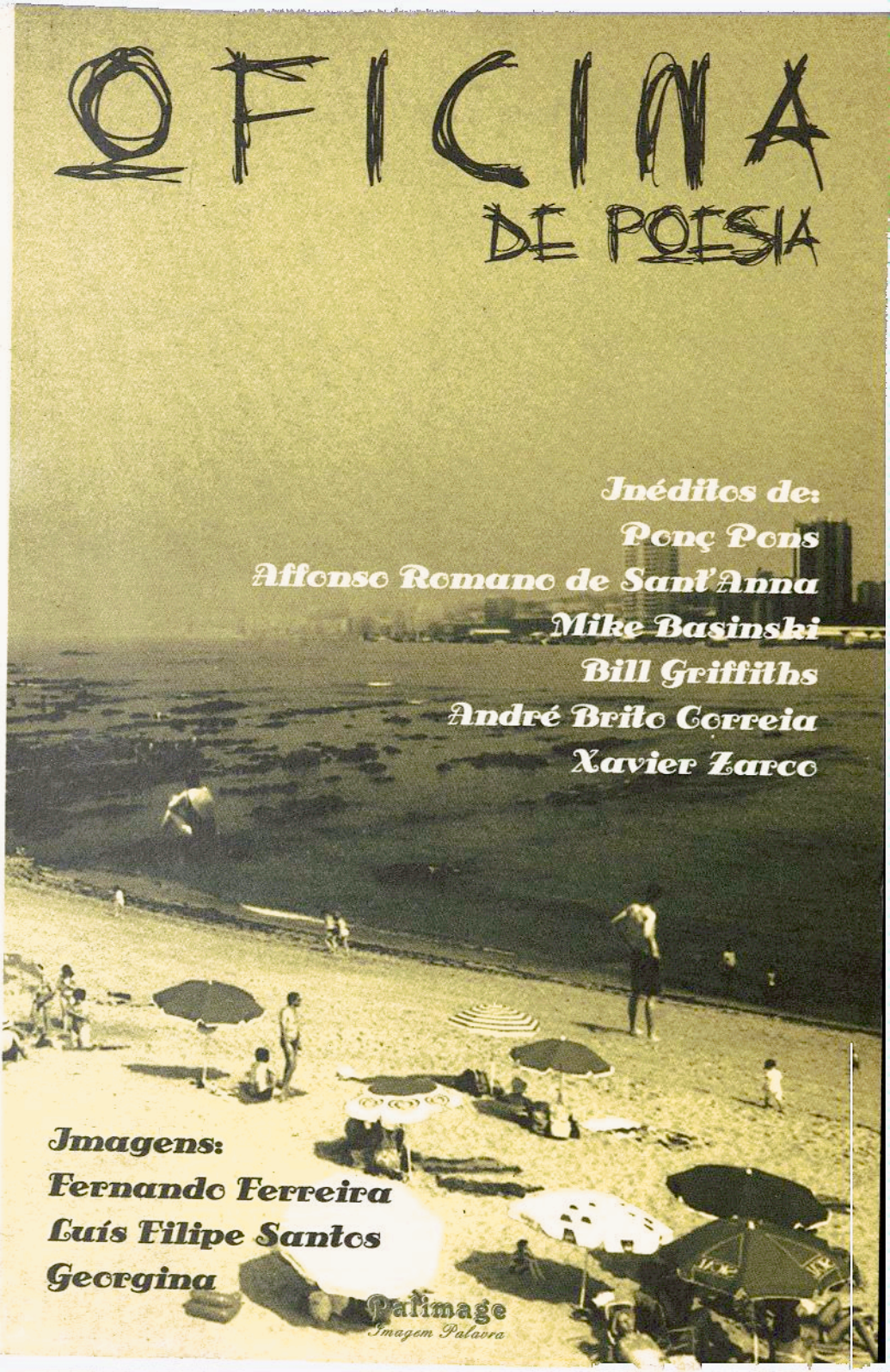
OFICINA DE POESIA

revista da palavra e da imagem nº4 semestral Dezembro 2004 6,30€



Inéditos de:
Ponç Pons
Affonso Romano de Sant'Anna
Mike Basinski
Bill Griffiths
André Brito Correia
Xavier Zarco

Imagens:
Fernando Ferreira
Luís Filipe Santos
Georgina

Palimage
Imagem Palavra

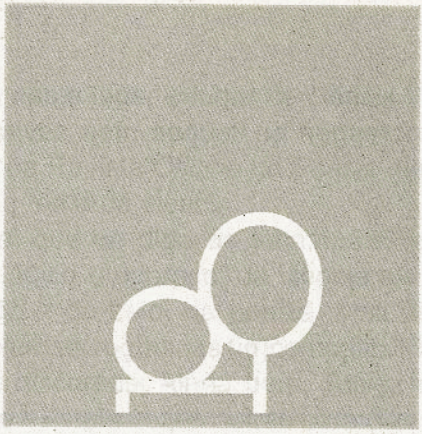
revista
OFICINA de POESIA

N.º 4
série II

COIMBRA
2 0 0 4

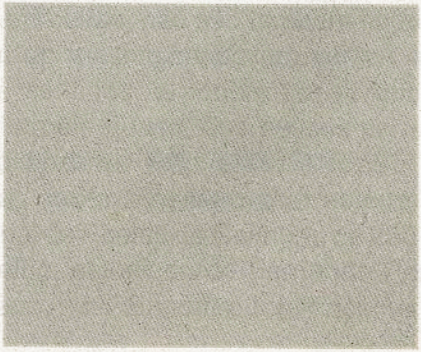
Ficha Técnica

Directora	Graça Capinha
Subdirector	Jorge Fragoso
Conselho de Redacção	Conceição Riachos, Graça Capinha, João Rasteiro, Jorge Nande, Jorge Fragoso, Natália Teles Nunes, Susete Fetal
Conselho Editorial	Alcina Marques de Almeida, Ana Braz, Ana Cristina Pereira, Ângela Canez, Cidália Madureira, Daniel Matos, Frederico Cardoso de Jesus, Hugo Amaral, João Rasteiro, João Nery Sá, Jorge Andrade, Jorge Melícias, Liliana Vasques, Luis Fazendeiro, Luís Miguel Pistola, Margarida Amorim, Paulo Dias, Rita Grácio
Colaboração especial	Affonso Romano de Sant'Anna, Bill Griffiths, Michael Basinski, Ponç Pons, André de Brito Correia, Cláudia Pinto, Cristina Néry, Fernando Ferreira, Georgina, H. K., Luís Filipe Santos, Sandra Guerreiro, Xavier Zarco.
Propriedade	Oficina de Poesia e Palimage Editores
Edição	Palimage Editores
Capa	Filipe Cravo
Grafismo	aNa B
Apoio	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra. CES – Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
Contactos	Palimage Editores Apartado 3105 3511-907 Viseu Tel. 232 432 244 – Faxe 232 432 247 e-mail: palimage@palimage.pt
ISSN	1645-3662
Depósito Legal	222090/05
Execução Gráfica	Palimage /Publito
Distribuição	Palimage Editores Rua Conde Henrique, n.º 18, 1.º Esq. Fte. 4715-349 BRAGA Telef./Faxe: 253 25 83 84 e-mail: distribuicao@palimage.pt



OFICINA de POESIA

revista da palavra e da imagem



editorial

Tomámos neste lugar o lugar da ciência. Não na totalidade, e talvez nem sequer na hegemonia. Mas este número 4 da Revista *Oficina de Poesia* dedica algumas páginas ao tema da ciência.

É provável que se diga da incompatibilidade entre o discurso, lógico e rigoroso, da ciência e o discurso, da imaginação e do belo, da poesia. Mas os poetas são assim: violam as regras, as (in)compatibilidades, porque violam os discursos. Ainda bem. Talvez digam outras vozes, que existem vozes outras para dizer da ciência o que ela tem de menos racional e também de belo. Talvez menos rigoroso, mas mais próximo do olhar-poeta (*poiesis*) do mundo. Talvez digam outras vozes, que existem vozes outras para dizer da poesia o que ela tem de mais racional e menos belo.

Este trabalho resultou de um trabalho dedicado a encontrar na ciência – aparentemente dura e racional – as palavras e os sentidos, ou a sua ausência, que levassem à construção do poema. O efeito aí está: vários foram os poetas que encontraram, nas múltiplas expressões da ciência, o motivo para criar o seu dizer, a sua forma de estar com a ciência, nas mesmas palavras que fizeram a poesia.

Esta revista é também feita a outras mãos que, não sendo as primeiras, não são também segundas, porque constroem do mesmo modo um vértice que desdobra sentidos e sentidos, e podem ver-se outros lugares e línguas, e a pele quase, dos passos na luz translúcida que desprendem. São elas: Affonso Romano de Sant'Anna, poeta brasileiro que esteve no Encontro Internacional de Poetas de Coimbra, de 2001; Ponç Pons, poeta catalão, estudioso de Fernando Pessoa, visitou-nos este ano, no V Encontro Internacional de Poetas, e

é publicado aqui nas suas línguas mais próximas, o catalão e o castelhano; o norte-americano Mike Basinski deu-nos imagens-poemas-gráficos – poesia traduzida por aNa B; Bill Griffiths, poeta de Gales, e o português Xavier Zarco – vencedor, este ano, do prémio de poesia Víctor de Matos e Sá, atribuído pela Universidade de Coimbra – contribuem também com o seu trabalho para este número; André Brito Correia, sociólogo da cultura, publica uma peça de ficção científica; na imagem, revelamos Luís Filipe Santos, Fernando Ferreira e Georgina.

Depois dos nomes dos convidados, regresso aos "oficineiros" da palavra, isto é, aqueles que continuam teimosamente a insistir na manutenção do Projecto "Oficina de Poesia" com os seus contornos iniciais, apesar de alguma dificuldade financeira que se desenha na Universidade de Coimbra. No entanto, é grande a procura da frequência por muitos alunos, das várias faculdades e outros públicos, a quem o curso livre é oferecido.

A vontade é continuar este trabalho de levar, junto de um público que desejamos sempre mais vasto, a divulgação do que fazemos, mas, sobretudo, a mostra deste construir da poesia que consegue levar-nos a olhar o mundo com olhos de intervenção. A comunidade, ainda que restrita, corresponde com algum carinho, ouvindo, estando presente nas leituras públicas que a "Oficina de Poesia" realiza em variados locais, quer em Coimbra, quer em outros lugares de perto e de longe. Esta presença estimula-nos e este gesto de dar poesia, que para alguns pode parecer delírio, é ainda, para muitos, uma forma incisiva de contribuir para mudar o olhar sobre o mundo. Porque talvez seja aí que está a razão profunda de toda a escrita – uma missão científica.

Jorge Fragoso

FERNANDO FERREIRA

ECCE HOMO

a Fernando Pessoa

No ho creuràs, però res.
Els capvespres me'n vaig
a S'Estància i tot sol,
envoltat d'animals,
pod ullastres, escric
fins que és tard i ja fosc
m'assec dins la cabana
de còdols i entre espelmes
convers amb Déu que tracta
d'apaciguar integristes,
defuig reaccionaris,
té por de talibans.

Com en el bell poema
d'Ernesto Cardenal
on parla dels trapencs
que s'aixequen de nit
i encenen les mampares
i obren els seus Salteris
i els grans Antifonaris,
jo encenc voltat de moixos,
gallines, bens, tortugues,
tot el meu espelmari
i res a Déu pels fills.

ECCE HOMO

a Fernando Pessoa

No lo creerás, pero rezo.
Por las tardes me voy
a S'Estància, y a solas,
rodeado de animales,
podo acebuches, escribo
hasta que se hace tarde, y ya oscuro
me siento en la cabaña
de piedra y entre velas
converso con Dios, que intenta
apaciguar a los integristas,
huye de los reaccionarios,
teme a los talibanes.

Como en el bello poema
de Ernesto Cardenal
que habla de los trapenses
que se levantan de noche
y encienden las mamparas
y abren sus Salterios
y los grandes Antifonarios,
yo enciendo, rodeado de gatos,
gallinas, corderos, tortugas,
toda mi candelería
y rezo a Dios por mis hijos.

Sé que no em salvaré,
menorquí expoliat,
de la insomne passió
de llegir tots els llibres.
En el fons crec de cor
que tot és sembrar fum
i encalçam en va el vent
de la Literatura.

Tanmateix ja he viscut
conformat els meus cinc
minuts banals de fama
i ara tenc tot el temps
del món per descobrir
qui sóc, d'on vénc i on vaig.

Potser fóra millor,
ple de vida i bondat,
caminar per la neu
sense petges ni rumb
i no dir res com Walser.

Tanmateix d'aquest foc,
incurable desfici,
sols en quedarà el nom
en un llibre de text,
un carrer dedicat,
una estàtua amb coloms.

Escrivim per ser eterns
i al final ens morim.

Sé que no me salvaré,
menorquín expoliado,
de la insomne pasión
de leer todos los libros.
En el fondo creo de corazón
que todo es sembrar humo
y perseguimos en vano
el viento de la Literatura.

De todos modos ya he vivido,
conforme, mis cinco
minutos banales de fama
y ahora tengo todo el tiempo
del mundo para descubrir
quién soy, de dónde vengo y adónde voy.

Quizá fuese mejor,
lleno de vida y bondad,
caminar por la nieve
sin huellas, sin rumbo,
y no decir nada, como Walser.

Porque de este fuego,
incurable desazón,
sólo quedará el nombre
en un libro de texto,
una calle dedicada,
una estatua con palomas.

Escribimos para ser eternos
y al final nos morimos.

He burxat, per trobar
les arrels del neguit,
la ferida que du,
sinuosa i roent,
de ca nostra al portal
lusità del teu pis.

Tu ja saps que el poder
literari fa olor
de podrit i ha perdut
la vergonya i el cànon.
Per açò, retirat
de feruma, escrivisc
com si no hi hagués món
i fos l'últim parlant
d'una llengua ja morta.

Al final sé que tot
serà res i no hi ha
més futur que l'oblit,
però crec que ha valgut,
a pesar del dolor,
la pena aprofitar
per fer versos la vida.

He hurgado, para hallar
las raíces del desasosiego,
en la herida que lleva,
sinuosa y candente,
de mi casa al portal
portugués de tu piso.

Ya sabes que el poder
literario apesta y ha perdido
la vergüenza y el canon.
Por eso, apartado
de oropeles, escribo
como si no hubiera mundo
y fuese el último hablante
de una lengua ya muerta.

Al final sé que todo
será nada y no hay
más futuro que el olvido,
pero creo que ha valido,
a pesar del dolor,
la pena aprovechar
la vida para hacer versos.

Tradução para Castelhano por Ponç Pons

PEDRES CREMADES

El cultiu de les lletres
no necessita del tracte mundanal.

Ningú no em sent entre l'immens boscatge,
però la blanca lluna m'il·lumina.

Wang Wei

Sàtir castrat.
L'enyorança té el rostre
d'unes illes perdudes.

Terra natal.
El poema és un hort
que espicassen gavines.

Brut de ciutat,
acaron un pi ver
com si fos una dona.

Pel riu cansat,
que mena lent als límits
del món, naveguen branques.

Llengua mortal.
També efímer fulgeix
el que escric damunt l'aigua.

PIEDRAS QUEMADAS

El cultivo de las letras
no necesita del trato mundanal.

Nadie me oye entre el inmenso bosque
pero la blanca luna me ilumina.

Wang Wei

Sátiro castrado.
La añoranza tiene el rostro
de unas islas perdidas.

Tierra natal.
El poema es un huerto
que picotean gaviotas.

Sucio de ciudad.
Acaricio una encina
como si fuese una mujer.

Por el río cansado
que conduce lento a los límites
del mundo, navegan ramas.

Lengua mortal.
Efímero refulge
lo que escribo sobre el agua.

Salta un llagost.
D'amagat i corrent,
els al·lots roben gínjols.

Nafra de sol,
bassa eixuta. El camí,
ple de pols, serpenteja.

Un còdol més
entre el pedreny; la musa
somriu decapitada.

Terra d'adéus.
Brillen càlids els ulls
del mussol sota el ràfec.

Sexe lunar
alzinant-se en la nit...
Meulen àvids els moixos.

Grius i moscards.
A la llum d'un quinqué
raspa antiga la ploma.

En va m'entest
a escriure versos, mots...
Jo el que vull és besar-te!

Odes i èglogues.
Les pedres que ara cantes,
sol grec, de llum s'abillen.

Brinca un saltamontes.
Corriendo y a escondidas
los niños roban fruta.

Llaga de sol,
charco seco. El camino
serpentea lleno de polvo.

Una piedra más
entre escombros. La musa
sonríe decapitada.

Tierra de adioses.
Brillan cálidos los ojos
del búho bajo el tejado.

Sexo lunar
enhebrándose en la noche...
Maúllan ávidos los gatos.

Grillos y moscardones.
A la luz de un quinqué
rasca antigua la pluma.

En vano me obsesiono
por escribir versos...
¡Lo que quiero es besarte!

Odas y églogas.
Las piedras que ahora cantas
se visten de sol griego.

Perdut pel verd
tirany que espès s'endinsa
pel bosc, perora un faune.

País d'oblit.
Les aus travessen mudes
un cel de velles cases.

Descalç, ocult
entre el pinar faig mots
encreuats amb les nimfes.

Fills avortats
d'aquesta illa on, brunzents,
senyoregen les mosques.

Els bells records
que vam sembrar quan érem
al lots, no ressusciten.

Terra de mar.
Ja no hi ha ni horitzó.
Sent plorar les gavines.

Pins i matolls.
Cap a casa, de nit,
m'acompanya el sender.

Home de mots
insulars despentin
amorós la gramàtica.

Perdido por el verde
sendero que se adentra
en el bosque, perora un fauno.

País de olvido.
Las aves atraviesan mudas
un cielo de viejas casas.

Descalzo, oculto
entre el pinar resuelvo
crucigramas con las ninfas.

Hijos abortados
de esta isla donde, zumbantes,
señorean las moscas.

Los bellos recuerdos
que sembramos de niños,
no resucitan.

Tierra de mar.
Ya no hay ni horizonte.
Oigo llorar a las gaviotas.

Pinos y matorrales.
Hacia casa, de noche,
me acompaña el sendero.

Hombre de palabras
insulares, despeino
amoroso la gramática.

Tradução para Castelhano por Ponç Pons

PONÇ PONS

FUMERES DE TARDOR

L'esilio che m'è dato onor mi tegno.

Dante

Des del camp menorquí m'acomiad mentre encenc
fogueres de brancam com ofrenes per tu.
La passió d'escriviure i llegir m'ha portat
dissident lluny del món literari i no vull
formar part de cap grup limitat per l'edat
(tenc més segles que Homer) que no sigui d'amics.
Els antòlegs no saben on m'han de ficar.
M'estim més, solitari, ser una illa dins l'illa.

HUMAREDAS DE OTOÑO

L'esilio che m'è dato onor mi tegno.

Dante

Des del campo menorquín me despido mientras enciendo
hogueras de ramaje como ofrendas para ti.
La pasión de escrivivir y leer me ha llevado
disidente lejos del mundo literario y no quiero
formar parte de ningún grupo limitado por la edad
(tengo más siglos que Homero) que no sea de amigos.
Los antólogos no saben donde meterme.
Prefiero ser, solitario, una isla dentro de esta isla.

Tradução para Castelhano por Ponç Pons

O ANÃO DE MARRAQUESH

Em Marraquesh
há um anão
que ensandece as mulheres.

Elas vão ao banho
(dizem aos maridos)
fazer limpeza de pele
mas algo a mais
ali sucede
basta ver como depois
além do corpo
a alma
lhes vai leve.

O segredo deste anão
está guardado
na palma de sua mão
e com seus dedos
sabe sublimar
as mulheres.

Elas vêm e ele
com silencioso gesto
pede que se dispam
– se despem.
Se ele dissesse: voem

voariam, se dissesse:
dancem, dançariam
se dissesse: amem-me
– o seu mínimo corpo
amariam.

Mas pede apenas
que larguem suas vestes
e se deitem
à espera
que suas pequenas mãos
se agigantem e abram
portas janelas
desvãos abismos
na vertigem
da viagem
dentro da própria pele.

Quando se despem
despedem-se
dos maridos
e já não mais carecem
de amantes
é como se Penélope
convertida em Ulisses
nas mãos do anão
a Odisséia sentissem.

Ninguém sabe
exatamente
o que seus dedos operam.
Começa pelos pés
e algo vem subindo
devagar ao leve toque

que não toca
que roça
mas não fere
que solicita
e impera
e vai em círculos
como se o bem e o mal
se transcendessem
numa espiral
de delícias.

Os maridos e parceiros
ficam no hall do hotel
bebendo uisque
nas quadras
jogando tênis
e nunca saberão
o que ocorreu
ao leve toque
daquelas pequenas
potentes
suaves
mãos.

Finda a massagem
(nome conveniente
à transfigurante
viagem)
as mulheres reaparecem
translúcidas
caminhando
a um centímetro do chão
irrompem inalcançáveis
como se tivessem
tido uma visão.

Aos maridos não adianta
qualquer explicação.
Há na pele da alma delas
algo de que jamais
se esquecem:
o irrepetível toque dos dedos
e das mãos
do anão de Marraquesh.

DESENCONTRO

Às vezes, é no desencontro
que as almas se revelam
quando se ferem, se lanham,
com palavras, lágrimas e insultos
e só lhes resta o assombro.

Bem gostaríamos
fosse ameno, doce ou luminoso
o encontro, mas é no desencontro
que, às vezes, as almas se revelam
quando ásperas e agressivas
se tocam no mais fundo
e perplexas se contemplam
como se contempla
– o intransponível abismo.

O NÃO TEMPO

Estou dizendo para esta lagartixa
na parede do meu quarto
que o século vai acabar
mas ela não me olha
nem me entende.

Já tentei falar com a formiga
com a aranha
fui ao limoeiro da horta
e ninguém me liga.

Olho os objetos da sala
minhas coisas no escritório
os óculos e no quarto
os sapatos.

Todos indiferentes.

Não estão em pânico
não devem nada
e não têm planos.

O tempo é mesmo
uma doença humana.

MISTERIOSO CONJUNTO

Às perguntas que minhas filhas fazem
respondo com dificuldade.

Não sei muitas coisas.

Me defino como um homem razoável.
Não como professor ou vate iluminado
embora seduzir possa com as palavras.

Por isto, há muito fujo
da verdade cega e absoluta, e admito
certa equivalência
entre o que afirmo
e o outro nega.

Separados ou juntos
somos apenas parte
de um misterioso conjunto.

Está cheia de vazios e elipses a nossa fala.
Por nós uma luz cortante passa
nos diversifica
e se dispersa nos objetos mínimos da sala.

[Escutemos o vento quando afaga]

Escutemos o vento quando afaga
A casa onde deixámos nossa infância.
Sintamos na epiderme
Da cal, o suave ósculo
Do sol. Em cada imagem reflectida,
Repousemos o pássaro do sonho
E aprendamos a sílaba
Inaugural da vida.
Saibamos ser como este rio imenso
Que agora prova o sal do mar azul,
Que amou o tempo, as margens,
O fado que lhe deram.
Aos deuses, nada mais ouses pedir.
Também o sol, que tudo vê, resigna-se
A contemplar o mundo
No seu lento passar.

[Demoro o meu olhar na antigualha]

Demoro o meu olhar na antigualha.
O que outrora existiu, agora é sombra.
Mas cada pedra canta,
Eleva a sua voz.
Quem me dera escutá-la, conhecer
Os ritos que a regiam, que a faziam
Ser qual ponto de luz
Nos trilhos tecido
Com mestria de Aracne e que o passar
Do tempo, qual Atena por despeito,
Seu corpo resumiu
Nas mãos de uma arandela.

MICHAEL BASINSKI

MICHAEL BASINSKI

You Have Two Eyes

reading
aspirin regimen regina
Ibuprofen pen fish
Bayer lamb naked
Extra Strenght blue balls
Back enter love like
& soap
Body soapang up
Any Next Care a washcloth
Bandages to wash my cock
Neosporin and balls
Triple Antibiotic impinge upon
Ointmentsas lightly pins
sparrows sweeter moon beam did
smelt about butterflies fall
a willow which
witch

MICHAEL BASINSKI

Tu Tens Dois Olhos

a ler
dieta de aspirina rainha
Ibuprofeno peixe de feno
Bayer cordeiro nu
Força reforçada tesão
Costas entrar no amor como
e sabonete
Corpo ensabotar
Outro Tipo de Prescrição uma luva de banho
Ligaduras para lavar a piça
Neosporin e os tomates
Antibiótico de Tripla Acção infligir
Pomadastais alfinetes breves
pardais doce luz da lua
fundiu borboletas caídas
um salgueiro a cuja
bruxa

Tradução de Ana B Pereira

Billy Collins – Poet Lariat.

I write Billy Collins in the poetry because I know it will get published. And piss off a lot of poets who hates Billy Collins. This gives me sadistic and stupid pleasure. Replacing rules not breaking dishes. This poem begins, therefore, with the words Billy Collins. Billy Collins. Tim Collins. Billy Cocktail. Billy Crockett (two ts like Beckett) The Beatles. Crochet. Crickettes. Lassie was a collie. Lassie was a crocaDial soap or Kucumbur or Kewpie. It's more important that I love you pronounce it extend my crumbling hand a spore to touch your immortal penguin.

Ceroticum

(s) earoticum. Sea. (s) (a) erose(s) e.rose you exist as an exit in a free state of bee's wax
wax my car with Turtle Wax, wax the kitchen floor, moon wax
this wax in me ear of Odysseus, you and me, I listen
to you dress (e.h ear across time timiditerrainean)
by means of boiling alcohol
in small grains which ment at 172.4 (diegress) degrees or ° F.
and May geese
your briefs from J. C. Penney's Inc. I think.
the chief constituent of Chinese wax, wane now the years are fingering
letting go and I am hard of hearing. My ears as big as half moons.
which is produced on certain trees
in China, of China, Buffalo China. cups, uncertain dreams,
by a puncture. or words, wound of a species, of Medea at Colchis
clocks – suggests the spellchack but being correct is wrong

Billy Collins – Poeta Larilado.

Escrevo Billy Collins na poesia porque sei que será publicada. E
vai chatear muitos poetas que odeiam Billy Collins. Isto causa-me um prazer sádico e
estúpido. Substituir as regras não partir a loiça. Este poema começa,
então, com as palavras Billy Collins. Billy Collins. Tom Collins. Billy
Cocktail. Billy Crockett (com dois tês como Beckett) Os Beatles. Crochet.
Crickettes. A Lassie era uma collie. A Lassie era um sabonete de crocaDilo ou Pepino ou
ExKremento. É mais importante que eu te ame pronunciá-lo estender a minha
mão em desintegração um esporo para tocar o teu pinguim imortal.

Ceroticum

(s) erróticu. Mar. (es) (uma) airosa(s) ai.rosa tu existes como uma saída num estado livre da
cera de abelha
encera o meu carro com Cera Tartaruga, encera o chão da cozinha, cera de lua
esta cera no mê ouvido de Ulisses, tu e eu, eu ouço-te
vestir (ou.vir através de tempo tempomediterrâneo)
através da ebulição de álcool
em pequenos grãos que derretem a 172.4 (grauzes) graus ou ° F.
e Maio gansos
os teus relatórios da J.C. Penney's Inc. Acho eu.
o principal ingrediente da cera Chinesa, diminui agora que os anos estão a dedilhar
a deixar ir e eu sou duro de ouvido. Os meus ouvidos tão grandes como meias-luas.
que é produzida em algumas árvores
na China, da China, China de Buffalo. chávenas, sonhos incertos,
por uma punção. ou palavras, ferida de uma espécie, de Medeia em Colchis
relógios – sugere a verificação da ortografia mas é errado estar correcto

Tradução de Ana B Pereira

Maynoir 1 & 2

Michael Basinski

MICHAEL BASINSKI

Slack Buddha Broadside 001
Signed and Lettered A-Z by the Author Michael Basinski D

2004

MICHAEL BASINSKI

BILL GRIFFITHS

ASPIRATIONS

Of people

well –
the flexing memory

of verbs
speaks

a casual
trigger

fossil
energy evokes

outer realities
vanities

slip-clues
to inner

emphasis
like

walking the plank

ASPIRAÇÕES

Das pessoas

bem –
a memória flectida

dos verbos
fala

um gatilho
casual

fóssil
a energia evoca

exteriores realidades
vaidades

pistas-escorregadias
para interior

ênfase
como

caminhar pela prancha

the virtual body
is bare of face
often hands
sometimes forearms

you can see backs in the warm

the kingly knee
is a sport-stamp

to bare the throat is aggressive

the real body is at war

the virtual body continues to play

*

the mouth
administrator
and disseminator
blows and burbles
cavity complexities
tide breath
sucking and rocketting

an appraisal
or development plan
the mouth
intervenes in democracy
the palate
and the food
parted

o corpo virtual
de caras despido
às vezes mãos
por vezes antebraços

vislumbram-se costas no calor

o real joelho
é um cromo desportivo

despir a garganta é agressivo

o corpo real está em guerra

o corpo virtual continua a jogar

*

a boca
administradora
e disseminadora
sopra e ferve
complexidades da cavidade
hálito de maré
a chupar e disparar

uma avaliação
ou plano de desenvolvimento
a boca
intervém na democracia
o palato
e a comida
separados

so what that
I am surrounded by pirates

teeth

hold the sword
like prescriptive medicine

on the good ship
Substance

our century

colourful, colourful

for such ghostly effects

balancing
reflections
rush to meet us

ill
spill
concessions to predators

the chemists

que importa que
esteja rodeado de piratas

dentes

seguram a espada
como remédio receitado

no bom navio
Substância

o nosso século

colorido, colorido

pois tais efeitos fantasma

em equilíbrio
reflexos
correm para nós

doentes
derramam
concessões a predadores

os farmacêuticos

I sing the node

the first point of poetry

the turquoise pendant versicle

when Astarte
graces me to drink

approximate to my beginning

to be a mammal

(among a rough-hand dark

equalities of contact

they say

pretend

there is no need for revolution)

eu canto o nó

a primeira razão da poesia

o versículo pendente turquesa

quando Astarte
me dá a graça de beber

próximo do meu princípio

de ser mamífero

(por entre uma escuridão bruta

de igualdades de contacto

dizem

finjam

que não há necessidade de revolução)

Tradução de Ana B Pereira

LUÍS FILIPE SANTOS

Vias da Carne feita Vogal

A carne abre a palavra
sobretudo a Vogal-que-não-sara
A carne atravessa os ferros das Consoantes
para a plantação da voz-solar-que-vem

Vem-como-dom para fissurar o estreitamento
Vem-como-dom de pulmões novos refeitos
duma madeira mais viçosa e mais elástica
Vem-como-dom de uma árvore em chamas verdes
para a Vogal-que-não-sara

a Vogal-interconsonântica
a Exposta
a Aberta
via estreita
estreita ponte

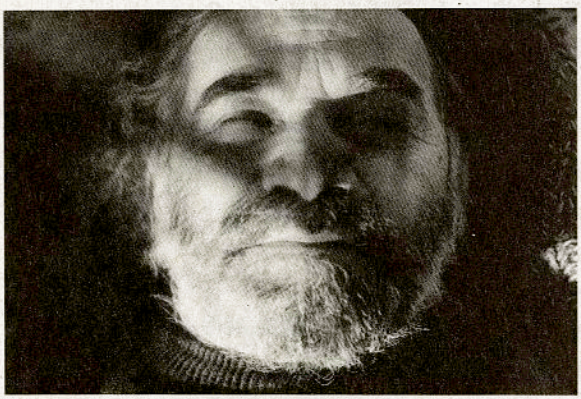
(por onde passa a cabeça passa o corpo
por onde passa o corpo passa a passagem e o
[passageiro
sempre a passar sempre a passar sempre a passar
falham os pulmões falha a boca boca a boca
falha a boca falha o sol sol a sol
sol a sol boca a boca sempre a passar a Abertura no
[centro do tronco
a tua árvore sangra vogais verdes geograficamente como
[rios a duvidar
foz ou nascente (?) línguas geográficas sangrando árvores
[sempre a passar

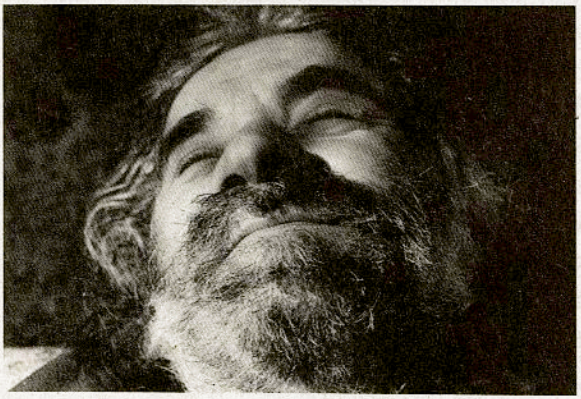
antes enlouquecer que falhar a boca será rio será mar (?)
[uma linha de água que une
onde falha a boca falha o corpo o corpo todo boca a boca
[sol a sol
contra os cornos da morte contra os muros das
[Consoantes
sol a sol na arena de transformar o corpo em boca a boca
[em Vogal
Vogal Aberta boca a boca sol a sol)

(Tudo só por não saber dizer que te amo)

Advogando a Primazia da Racionalidade

No centro de Deli festeja-se Ganesh
(eu não festejo Ganesh da mesma forma
nem os outros deuses todos no mundo)
hoje eu digo que festejo Damabiah
esta festa é tão neutra quanto eu
sentada no meu multicultural e neutro
capital
intelectual
deitada na minha diversidade rebolando
na cacofonia da História
tenho a certeza da universalidade da minha poesia
que sai da minha pluralidade:
(Anael
Habuiah
Bio-Prânica
Reiki
Kali
Kefir
Sacro
Peristaltismo
Et cetera)
afinal vivemos no mesmíssimo mundo
ou não
temos o mesmíssimo centro
ironia dos cinismos e pseudismos: sou
racional compreendo todos...





GEORGINA

na zona vulcânica e neste pó ecuménico respirado nas manivelas aquáticas da distância e pelos lugares mascados onde em brevidade se vislumbra esse lenço atado na face do mundo ou a intoxicação § nesse jardim semeado de febre há sintomas obscuros por entre os arbustos do compasso há travessas que se sugam e passantes entrincheirad@s em búzios há nascenças de verniz e equinócios de signos onde as pausas se sacrificam e as mimeses de carvão descobrem a imagem fabricada de um soluço na falésia da mente § pastéis de nada no alfabeto das nebulosas onde as ondas se abatem sobre os equinócios fustigando as lezírias de vozes ao sul §

na entrança do solo pergunta-se pelas tranças onde se aguçam as colmeias levitadas § nas suas madeixas há a potência de uma nota que se repete e finda. de um fim abraçado e alto. nas danças acesas dessas azálias cantantes encrosta-se a migração dos ritmos onde as brasas se juntam e moem por vezes em fadigas que a desordem orienta
é então que as escamas se mitigam e remam seguindo o propósito dos salmões em correntes de linho

R U +?

os dentes cerrados and the horse smiling vermelho postrado como a parede that sometimes shines the same way it was with the gutter naquele dia quando poppies were not smiling mas where still totally broken too assim como quando se sabe que por lei se pode matar it is amazing and very possible to happen. she followed him down the alley : i can take that sound that you made out of minha head da mesma maneira que aquela stain sticks to me strangely there ali estava on the table tens o número?
say something se quiseres qualquer when you ride there when it was just a sip and a ditch not even a swamp
you do want to bite your lábios sometimes como se a força fosse equivalente ao vermelho no cavalo nos lips : um sabor a sangue sem o sabor : uma violência that acts up very slowly : he asked if it mattered and she asked if it was mútuo e apenas isso : os três sentados ali, a caixa de cd is really crucial swipe them along and aside e talvez ele procure algo no casaco tendo a certeza the same way it ended

GEORGINA

ESTÉTICA 3

Somos

os outros

de-mim-mesmo.

Esse

comum

(trans?)coincidente caché

instantaneamente-sorvido

pelo quem

O autor é Trans

É perceptível a importância que M. Foucault apreende na relação leitura/escrita como actos que se vão complementando, reinventando e redescobrindo; na relação indivíduo/ /comunidade como imiscuíres des-limitados; na relação autor/ /obra como des-relação a um ou vários sujeitos transdiscursivos, a um "isso" que fala; na relação sujeito/discurso como nómadas que erram e des-erram no rizoma das possíveis existências; o autor como uma função classificativa naquilo que chama-função autor como um dos modos possíveis do sujeito. Mas, que sujeito?

Um sujeito que se identifica como trans-individualidade, individualidades que remetem umas para as outras como um texto ou uma obra como modo de ser de um discurso que remete para outras obras, para plurimundos (Paul Ricoeur). E se há plurimundos há pluri-eus.

A função autor é assim algo de complexo que está dentro de um "isso" que pode numa época ser ou não institucionalizado, ser desta ou daquela maneira consoante os poderes instalados e o grau de transgressão que contém. Assim sendo, a função-autor pode ser necessária para os poderes que questionarem a sua veracidade; aliás, poderem controlar a *episteme* "oficial".

E porquê?

Porque, como Foucault ressalva, não são os sujeitos que entram num discurso, mas sim sujeitos novos que nascem e/ou emergem dos discursos, dando desta maneira a importância real ao espaço que há entre as palavras, à função da ausência presente nos textos como iniciadora da *catarsis* que é o culminar da libertação dos vários eus e de todos os seus amigos. Autores ou não.

É a poesia o lugar, ou cruzamento, desses caminhos rizomáticos do pensamento?

É a poesia o abrir de novas tocas, de novos mundos?

Pode ser ao contrário: a poesia já lá está, o autor é que ainda não chegou...

H. K.

POEMA A MIA COUTO

Tempo e Espaço

procriam invisíveis humanidades.

Gestos e paixões

Na procura de si, ganham vida

da vida.

E

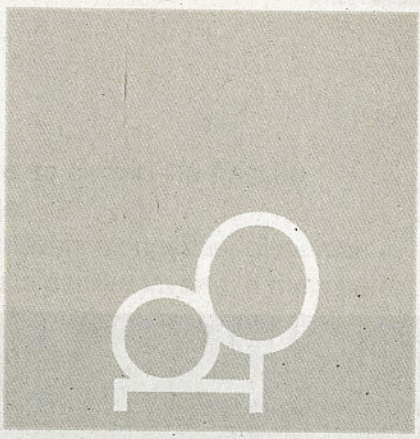
bebido pelo rio,

comido pela casa, o verbo

ganha matéria e contempla

a Existência como

a-temporalidade do Homem.



OFICINA de POESIA

a CIÊNCIA
dita pela
POESIA

GEORGINA

Transpor rente ao círculo – a fracção
a aproximação
densa das variáveis alongadas, dispersas
inclinação que o declive inverte, o mais perto possível
da totalidade dos pontos
de cada um dos pontos
por cada sistema de eixos segmentados crescendo
progressivamente
crescimento tão lento
e as variáveis existem – que o seja lento
o seu traço concêntrico
como qualquer arco infinitamente menor
quando nenhuma relação se suspende do arco
construamos o círculo adicionando-nos
pelo simples valor numérico do acaso
para que a parte menor seja igual
à razão entre esta e a parte maior
e simultaneamente a possibilidade do todo

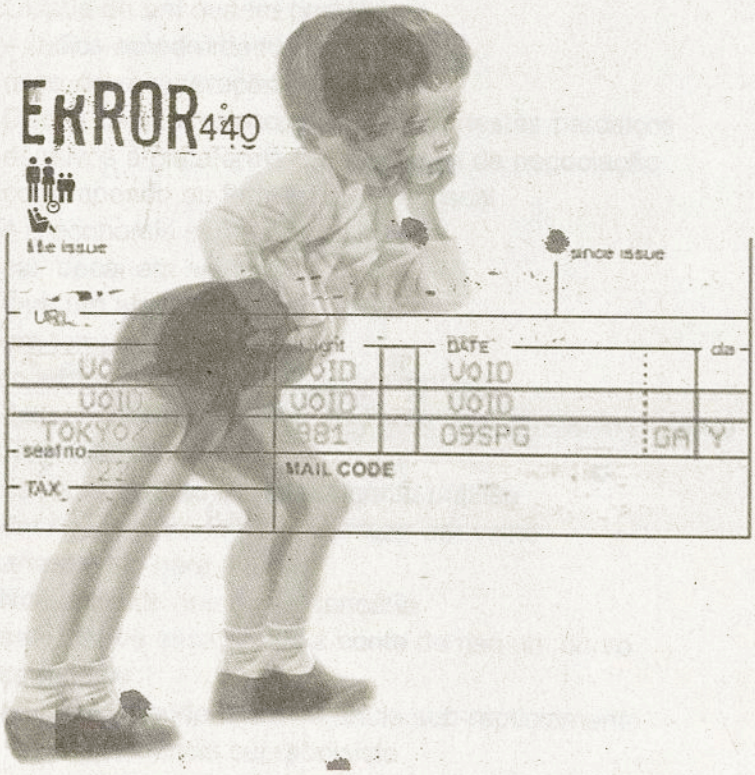
segmentos imaginários absurdos
a fracção positiva dos números
segmentados

ÂNGELA CANEZ

À roda do investimento público
o ensaio é sempre possível
Uma mão sem ninguém entra e derruba
um produto bruto, interno, instável
tropeça e decai para o valor inexacto
de há três quartos de século atrás
Dispõe de um quadro perfeito
– índice amedrontado com reduzido
risco de recuperação
Dedos sempre avessos, tão longe destes percalços
esquivos à plataforma pan-europeia da negociação
corrompendo as formas do nível fiscal
e a economia sente o desfalque
cai, decai em abismo
Que um afago é factor de risco
em tempo de recessão
(o tempo que leva a atingir um extremo
descobrir erro e regredir ao ponto neutral – voltar a casa)
Regressava
da multiplicação do investimento público
um capital com febre a conduzir um velho
arrastava-o para o fundo
No centro de que conta bancária
se extingue essa taxa e à conta do riso um dorso
cambaleia
ou com a fraude fiscal se anula sub-repticiamente
-evidência suprabolsista
, cruzada,
anónima
O mercado austero, o sector temerário – para depois
constar que há frio

Ir em busca do valor capital e já não regressar
Quando a politica monetária oscila, e começa a sentir
– Quanto vale um homem de bolsos vazios?

Urgência. O gelo. Depressa!
Que uma bolsa-espectro vai em queda
e desconhece o declive tão fundo da escalada etérea



FERNANDO FERREIRA

Partículas

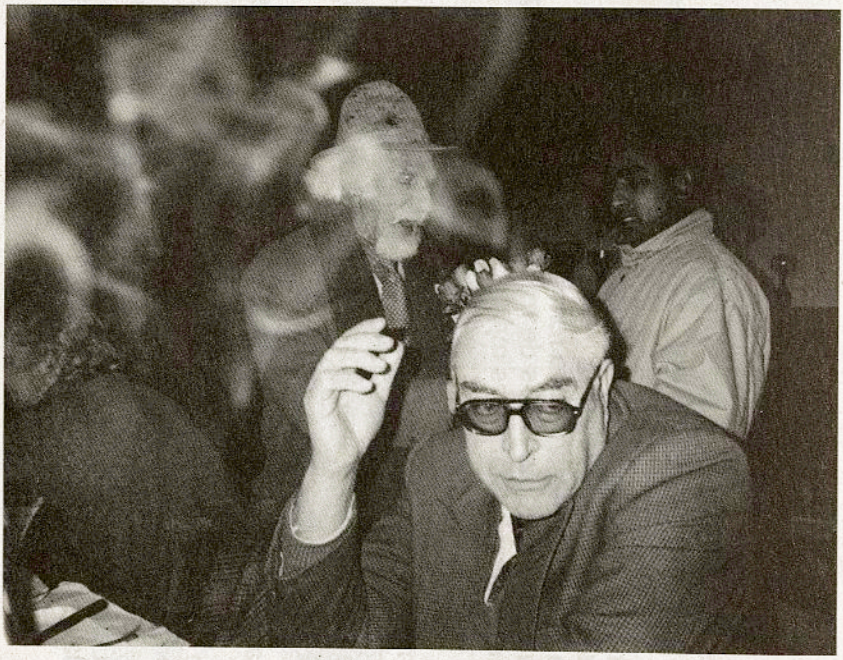
Reter no filtro pequeno
demais as instâncias das horas da morte para sem querer
impedir as vozes dentro da imensidão encefálica.

É com a negação do hábito que se confessa o método
e se constrói toda a possibilidade da revelação.
Se quem sabe que sabe a fé no cepticismo que remói a dor
mais profunda em fórmulas e mantras e linhas de mão e buracos na cabeça
e quem sabe doutor Frankenstein se sabemos manter-nos na linha
sem nos sabermos mortos.

À espera e à beira de uma qualquer fragmentação
se somos pedaços de partículas e pó de estrelas nos olhos e na boca.
Quem sabe de Galileu e Joana os dois a arder abraçados na palavra de um astro?
Como se fosse o único.

As palavras antigas amarelecidas pelas civilizações não nos contam segredos a mais.

Plantas como filhos que ficam com o nome como continentes catalogados
como livros que se enterram para a posteridade.
Nada mais do que as pequenas máquinas da vida que nos entram pela respiração adentro
e se alojam crónicas na excomungada alma.
E nós que entramos pela garganta do mundo adentro e chamamos a isso ficção.



GEORGINA

geometria

Segmentos de recta intercessionam pontos
numa correspondência absurda de
paralelas e secantes
– funções feitas na realidade observável –
os diversos sentidos
infinitamente grandes
entrechocam-se em complexas
nuvens de pontos
sobrepondo
a secção áurea de um
mundo quântico

CONCEIÇÃO RIACHOS

sociologia/economia

Enquanto um manifestante adverso geme promessas
incumpridas saltam pela janela (o banco mundial arrota)
divide-se a pobreza do mundo esforços congregam-se na
esquina uma conferência de imprensa ameaça a
estabilidade global.
Debaixo de fogo burocratas equilibram-se em hotéis
de cinco estrelas que acenam a gigantescos edifícios onde
símbolos monótonos sem rosto lutam encarniçados.
Flexibiliza-se o déficit comum das missões diplomáticas
que mordem a solidez (esconde-se o colapso confortável)
ameaçados os impostos desiludem a firmeza das
sociedades. No outro lado da rua em átrios de mármore
limpam-se os valores ofuscados.

A molécula única

Na superfície cósmica da terra
fundem-se filigranas de luz
como arquitectura complexa,
na longa sucessão do tempo
algumas estrelas isoladas com o sol
companheiros duplos de ar
num círculo de água em espiral,
uma ilha gelada nos dedos
o centro quente de pequenos mundos
que inunda a viagem de homens azuis,
órbita nas gárgulas da luz
seres em última análise
sob estrelas cadentes,
a molécula seca das veias
na ressurreição de células primeiras,
a experiência orgânica da morte
nos segmentos de mutações ao acaso
e como carvalho raiz de célula materna
rocha e moléculas orgânicas
num núcleo de fios em cadeias de luz,
na energia esventrada dos cometas
a linguagem efémera da vida,
sob um cutelo que se incendeia
na terra única, na molécula única, na palavra única.

O erro do desejo

Só o sistema límbico do fogo
humedece o bafo fresco dos dedos
usando o corpo como doce aferição,
a carne enche-se com os despojos da água
no interior de cíclicas ramificações fibrosas
até à mais ínfima palavra da paixão.

Na fímbria da pele a emoção primária
com as cúpulas quebradas na nascente
e a carne celular como um tronco nu,
enquanto a luz e a sombra como discípulos
num soluço inocente de movimento endócrino
tecem no caos do orvalho pétalas de desejo.

Reinventar a invenção

nesta palavra inventar
há um fundo de economias
paralelas verticais
consórcios institucionais
mercado momento da empresa
conselho de administração
mais-valias cotação
há um PEC em cada esquina
um método de avaliação
fundos estruturais
concorrência de mercado

nesta palavra inventar
inversão de economias
diálogos norte-sul
perdas lucro relançamento
mundos terceiros-mundos
em vias de desenvolvimento

há uma caixa que reduz
estratégicas posições
e opções estratégicas
inventa o peso do Estado
na sociedade civil
e o estímulo orçamental
do novo modelo económico

reinventar a invenção
a taxa de desemprego

a taxa de juro baixa
a taxa de juro alta
a concorrência do sector
o gráfico de dispersão

há a oferta e a procura
e há a oscilação do preço
há os fundos de coesão
analistas de produto
produtividade alta
mão-de-obra qualificada
competitividade aberta
e a mão-de-obra barata
e os resultados do trimestre
e os lucros do fim do ano

nesta palavra inventar
há uma invenção de país
ibéria ibérica integração
há um PEC no mercado
um fundo no terceiro quadro
de apoio comunitário

e a carteira de clientes?...
e os contribuintes líquidos?...
e a liderança de quadros?...

há um investimento seguro
um investimento privado
um orçamento apoiado
engenharia financeira
há um objectivo um programa
competência capacidade
motivação e negócio

superada expectativa
e o ranking nacional
e o ranking internacional
a melhor cotação dos mercados
mobiliários e outros

há nesta palavra inventar
um nikei e um nasdak
euronext e obrigações
a flutuação das bolsas
e há o dólar que cai
face ao euro e ao iene

em cada palavra inventar
se inventa a invenção do mundo
mundo a soldo mundo alvo
da economia global

e a palavra o poema
mero nicho de mercado
inventa um mundo no outro
no outro lado da palavra

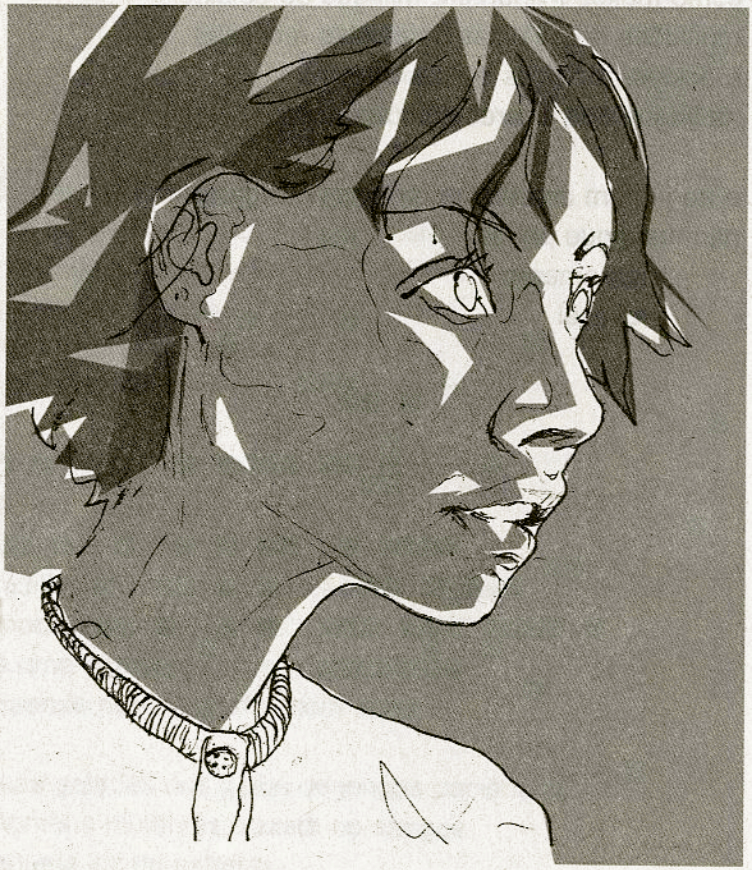
É uma bola de luz
um filamento de luz quase clara
bordado nos seios plenos da galáxia
jorram as caudas do cometa
leito de órbitas duplas
alimentam e saciam a solidão do sol

pariu depois milhões de bocados outros
de luz
deu-lhes nomes simples de estrelas
nidificaram azuis como as aves do areal
moribundas vermelhas como a idade dos olhos
e uma agonia de antes um momento
quando negras desfalecem nuas

luas geladas nos gelos de longas paciências
homens mulheres trazem no sangue
aquela luz de estrelas
e átomos pulando loucos loucos de sabor de carbono
trazem a matéria sal – e água nos lábios –
orgânica
e são uma
de milhares de milhares de milhões de hipóteses
de ser
vivos em sangue – o nome largado no ar
da auréola – são por fim o próprio sangue

como muitos milhares e milhões de células
multidões energéticas de células e células
e ácidos nucleicos e ribonucleicos
na língua dos dizeres da coisa vida

e ao fim um organismo organismo organismo
não mais que pouco
. eternamente
provável



LUÍS FILIPE SANTOS

LUÍS FAZENDEIRO

O mundo é a respiração do
universo cósmico
A seca. a poeira das estrelas
Os pulmões abertos
numa geografia de constelações
A procura minuciosa de uma
luz por entre os espaços vazios
inúmeros, ténues, insignificantes
Preciosos até à desertificação
Deveria haver uma ordem secreta nesta
amálgama de pirilampos tímidos
uma linguagem perdida
que pudesse ser recuperada
Qual leopardo rondando por entre
os casebres de palha da aldeia
nas horas nocturnas
Um sentido que fosse cosmos ao avesso
numa folha de erva, num quasar
na última explosão silenciada dos teus olhos-
hesitantes
E depois retraçar todo esse percurso,
mas por dentro
e dizer:
luas geladas, pequenos mundos
quentes esbranquiçadas, amavelmente
rodeadas de gelo

Na noite.

LUÍS FAZENDEIRO

livro de notas:

Ser Ave
Numa impressão espiralada de contornos

//

palavras-cinza
estudar cibernética.
prosseguir, no cansaço

//

qual o grau de existência das crianças polares?

//

a passagem espectral
preciosa.
livros de ficção científica

//

um gafanhoto de cristal,
subatómico
que tivesse sobrevivido às vastidões siderais
para quê?

A Ciberíada.

Uma perseguição por lugares altíssimos
O esclarecimento das imagens invocadas
Nós, as hastes, brancura na forma de dizer – água
E tudo um tormento, tudo um esclarecimento
Um reanimar de formas passadas
Pensámos em dizer: claro
Em dizer – transmutação
Procurar a imagem que lavasse as rosas
que salvasse
os parafusos, os peixes do lago
que reavivasse as procissões
os nossos mecanismos internos
Inconfessáveis. cromatizados
à espera –

somewhere, I have never travelled

FERNANDO FERREIRA

Cosmos

Poeiras
gás
matérias agonizantes
caudas de brilho riscando espaços
de regresso ao mundo
em direcção a ilhas
de outras galáxias
astronomicamente distantes
a uma imensidão de anos luz

seres nascidos de estrelas em
casas-planeta
casas-espírito
casas-templo
casas-luz

luzes intermitentes
numa longa sucessão de acasos
bolas de gelo em movimento
e eu perscrutando no íntimo tímido do silêncio
e olhos milhões vencendo o opaco, a sombra e a luz
penetrando auroras e ocasos de diferentes sóis
que caem em mim
desde o ventre de minha Mãe
à porção de terra que me coube
numa parafernália de momentos entre os
tempos

de Alfa a Omega
de Deus em mim

sentada ou em movimento
flutuando ou em clausura
perto e longe
entre o tempo e a morte
em transfiguração ou em transmutação
para ti

estando o cosmos em mim

Espaço flutuando vida no infinito maior
do desejo que escorre pelos dedos gigantes
da enésima potência do inverso duma quantidade menor
que se anuncia no tempo por entre constelações
conduzindo aos olhos da noite
onde os homens
saltam
o mistério de ninguém

LUÍS FILIPE SANTOS

ordem económica dominante

Capita
que é como quem diz cabeça
em latim.
Capita
o
a cabeça do capitão
Capita
lista
a cabeça de lista
Capita
ção
a cabeça da Ção depois de pago o imposto anual
Capita
l
a cabeça maiúscula d' "ele" depois do pecado consumado
e consumido
Capita
do
a cabeça do de ca pi ta do, depois da de ca pi ta ção
Capita
lismos
a cabeça dos lismos sócio-políticos *avant gard et tout* a
prémio!
Capita
near
a cabeça esperneante que se assa em forno de lenha de
uma tradicional cozinha de Auschwitz
Capita
ngo
a cabeça dos orangotangos que dançam em pontas,
depois do ministerial chá das 5

Capita
nia
a cabeça do gato do capitão, que nia, devido à contenção de gastos com os m's e os (de mais) plurais
Capita
to
a cabeça do sexo dominante, como ponteiro de um relógio suíço, batendo 3 pontuais punhetas de macho.

O secador seca. A arma saca se o secador não seca a
[arma
Sacar-se-á o secador sem secar a arma o secador seca a
C i ê n c i a & T é c n i c a
Cabeça a arma saca-se
Da irracionalidade
E seca a cabeça.

FERNANDO FERREIRA

Esbranquiçado-Azul

Engenho de anos-luz
Fruto da Lei da atracção do arquitecto universal
Série infinita de improbabilidades converge na fábrica
[molecular
Sexo galáctico em espiral.

Quente... A escaldar
Casca quebrada da célula efervescente
Rasgo, ao acaso, da estrela mãe
Clara láctea
Refúgio do núcleo avermelhado-negro
Gema inferno degenerado
Mutação espaço-tempo gera sagrado veneno
Segredo
Vida + Morte ⟶ Morte + Vida
Metamorfose alternada de fusão e fissão.

Repetidamente
O nascer do sol espreita
Pela escada enrolada em hélice.

SUSETE FETAL

iiiiiiiiiiiiiiinnnnnnnnffffiinniiiitttttttooooooooooooooo

Rectas paralelas atam-se no infinito.
Lá são extintas e geradas
Para intersectar corpos e almas de outras escolas.

$\pm\infty$,
a nuvem assombrada de pontos dispersos,
o leito negro de todos os infinitamente grandes
partilhado por todos os infinitamente pequenos.
Gerador perene
de números reais ou imaginários
de dados enviesados
de variáveis simples ou complexas
combustível barato de funções e teoremas.
Infinita fonte contínua dos sistemas de equações
[indeterminadas
Sorvedor de todas as soluções impossíveis.

Axiomática geometria do absurdo
Círculo nulo de zero vértices,
Polígono regular de $\underset{n \to \infty}{n}$ lados.

Raciocínio viciado de um
Dado perfeito.

sei que se de repente a noite morde
o som dos objectos com que a vida se partilha
se aloja nos países que não existem
e que os centros se cravam com o sangue ácido.

os dragões são
quando a dilatação
se guarda mais uma última vez
da terra primitiva.
semearia a luz
entre os diferentes tipos de meteoritos
onde há um músculo cardíaco
nenhuma palavra pode ser escrita
no profundo dos dedos
liso
que se estende no álcool
dos relâmpagos para fora do corpo.

CRISTINA NÉRY

nesse espaço de tempo
se torne possível dormir
nos pedaços dos corpos.
há só um infinito de espaço
que nos espia pelo sangue meigo
dos barcos que desafiam profundamente.

serão as lavas encordoadas
as paisagens que desaparecem nos vidros
donde nascem as virgens das aves

o ritmo das linhas agride-me
como último sabor táctil
e as próximas veias
serão o cântico verdadeiro
ou a morada sobre o pulmão continuamente.

Bio-energia

O fim é aqui,
o tronco gemulado
que prepara outros começos,
outras divisões
... essenciais à passagem do sopro...
vital, constantemente crucial
à suspeição
de existência de deuses.

O fim é o retorno
à energia primordial,
à sopa primitiva.

Do primitivo deriva a flor,
o fruto e a mortalha
que rodeará a semente
que regressa à terra,
ao nicho da extinção, dos mortos,

EU E TU,

calcamos anos dourados,
tapamos da chuva
os lentos cravos
que sobre nós foram semente
e que agora
assinalam ausências.

na poeira da costa
a mancha do sangue adivinha

a estrela

os mil oceanos

os peixe-cometa e

as árvores-homem

entretanto
a espuma no céu
dorme
e o sonho
é de um labirinto
e de uma viagem

e o que a mancha de sangue adivinha
é uma viagem sem fim.

o vizinho hoje cambiou-se e *impressou* a vida para
além do um e do dois,
um dólar de rua que se atira vivo aos pequenos
dragões infestados de raiva,
um chefe deprimido que gere as paredes e a
diferença,
entrei em depressão na consulta por falta de
valores,

uma bolsa sem fundo que divisa ao longe ao longe
o mundo,
o tecnocrata empregado numa estação de serviço
em colapso,

uma imprensa espetada no coração do ministro,
o movimento,
o fogo,
o culto,
tudo misturado e atado e feito numa bola,
ou tudo falido numa bola e servido sete vezes
aos filhos do demónio sentados num banco de
países.

a vida eterna de uma velha voz

o fogo colou-se à terra
erguida bem no cume de um precipício
uma voz extinguiu-se
exausta, sem apoio
um órgão infectado
(ou talvez dois)
e uma mão
boémia articulação
entre o real e o ir-
-real infinito
movimento
perene
ensurdecedor
como o início final que nunca quis
alcançar um pouco mais
esta proximidade distante
com sabor a eternidade
sempre insuficiente
sempre presente
o mesmo calor
a mesma voz
a erguer-se na terra
o fogo

OHZORA TSUBASA

ALTURA 1,75 M
PESO 63 KG
FECHA DE NACIMIENTO 28/07

SU AMOR POR EL FÚTBOL Y
CUALQUIER EQUI[illegible] CARÁCTER
UN
CAPITÁN POR EXCELENCIA
FUE EL JUGADOR MAS IMPORTANTE EN EL MUNDIAL
NATUREZA, FUE CONTRATADO POR EL S. L. BENFICA

BENFICA *new player*

FERNANDO FERREIRA

ANO-ENIGMA

Hidr@, planeta outrora conhecido pela designação Terra, ano 5003 d.C. ou, segundo a nova datação, 3000 d.S. A parte sólida resume-se a 32 ilhas, 31 das quais rodando constantemente e passando sempre uma vez, de treze em treze anos, no Pólo Menos Quente e, de treze em treze outros anos, no seu Pólo Gémeo. Tudo obra da Revolução Tectónica que fora acompanhada de degelos, erupções e curto-circuito de temperaturas. No Centro do Mundo, onde dantes estava a Ira que Amé, rica e poderosa estrutura militar, desafiou de forma imprudente e insana, encontra-se agora Limbus, ou seja, a Ilha onde todos os seres humanos nascem e vivem até à jovem maturidade. Quando completam a idade preconcebida, de acordo com a orientação geográfica da mobilidade insular, são remetidos para uma das ilhas circulantes e abandonam a 32.ª.

– Vais voltar, **bc//www.breveexpl.grave.sit.**?! Vais voltar?! Sabes que agora estamos em grande rotação, e vais voltar?! Logo nesta altura do ano?! Neste momento, nem os iniciados de Limbus podem ser alinhados para o seu destino. Vais voltar?!
– Tenho de o fazer! Sabes bem que só há quatro alturas para aceder ao Campo Magnético dos Antigos. Preciso de continuar a minha exploração, trazer mais provas, mostrar-lhes que a reconstituição pode ser desenvolvida. As autoridades dizem-nos agora que só há futuro e que não temos maneira de recuperar o que

quer que seja; é preciso construir, avançar, desbravar, acontecer, mas só o conseguem porque já sabem o que se passou até ao momento do Grande Sismo, aquele que tornou o nosso território habitável em apenas 7,1% da superfície.

– Um momento, deixa-me ver a mensagem que me corre nos braços:

Alerta: o seu interlocutor exibe pulsação anómala e o seu corpo está orientado excessivamente para o ponto de gravidade da Zona. Queira esclarecer de imediato a ocorrência.

– Aaaah, tens de fugir para um abrigo anti-telecomunicacional, eles sabem que estás a planear uma fuga, por favor, corre, deixa, que eu invento qualquer coisa. Encontramo-nos...
– Alguém me denunciou, não foi, hã?! Foi, não foi?!
– Não necessariamente; sabes como as coisas se estão a processar, mas agora corre. Corre!
– Terei de gastar a minha última passagem diária no buraco de verme para ganhar 5 km aos 5 segundos; comunicaremos no nosso código pelos jornais de subterrâneo, dessa forma estarei a salvo de possíveis espiões. Codifica no sistema analógico, eles já não têm modo de descobrir o que significam coisas tão "primitivas"; é o que te digo: só há futuro nas suas cabeças.

Interrompemos neste momento para lançar um importante comunicado de Sua Presidência Reinante da 14ª. Por favor, elevem a antena acoplada na vossa orelha direita e coloquem as lentes bi-dimensionais: Código Quadrado/Círculo/Hexágono. Máxima

Vigilância. Suspeit@. Por favor, comuniquem, caso encontrem uma batida cardíaca XZCVFFRTH nas vossas imediações. Protejam os bairros. Protejam as leis. Protejam os vossos corações.

– Já me procuram. E agora? O portal de aceleração do tempo-espaço está atrasado um minuto.

60 segundos; uma brigada anti-área tenta atrasar todas as entradas em atalhos dimensionais activos; 55 segundos; sensores de hiper e-mail activados para barrar sos@elevado; 40 segundos; perseguição nos arredores da Capital.City; aproximação de pulsação anómala; 35 segundos; tentativa de escapar aos detectores vestindo uma armadura antiga, desconhecida nos compêndios de recolecção de factos; 10 segundos; brigada especial encontra forma de localizar suspeit@ através de oscilações de braços e pernas; 5 segundos; "Corre, está do outro lado das ruínas do antigo aeroporto, procedamos à sua prisão perpétua"; 1 segundo; única saída: entrar no buraco cósmico de verme de olhos abertos; pode cegar mas salva-se a pele; 0 segundos.

– Eih! Como viestes parar a este refúgio, **bcgravesit**?
– Eih! E eu por acaso conheço-te para me tratares de forma familiar? Espera aí(!?)... A minha arqueólog@ favorita: **abdeepescav**! O que fazes nesta estação à prova de bites? Bom, vai ser a primeira vez neste ano que passo a hora de isolamento com alguém interessante!
– Pois, pois. Tenho de me descontaminar, de modo a não deixar rastos. Estive a manhã inteira a pregar,

em Arredores, a necessidade de se divulgar por toda a Assembleia o resultado dos últimos dez anos do Projecto CronoBiológico. Talvez assim pudéssemos saber melhor como viemos aqui parar.

– Exactamente. A minha ideia até vai mais longe. É preciso recuperar os rastos do ano fundador. Continuar a resgatar os fragmentos de diálogos e comunicações que os antepassados deixaram ainda em vida. E só há uma forma de o fazer...

– Não me digas que pretendes voltar à TeleZona!

– Sim, é preciso que alguém tenha a coragem e a paciência para ir gravar o que ainda se conseguir entender. Agora, que já tínhamos dados interessantes de mais de dois milénios pós-revelação, agora, que estávamos a chegar aos ecos do início da nossa era Pós-Sismo, agora, é que tudo parou.

– Mas o importante era que divulgassem tudo, mas tudo, sobre os cerca de dez, doze anos, anteriores ao Afundamento. Isso é que era necessário e viável. Quanto ao resto, são ideias insensatas da tua parte. Neste momento não podes regressar à Área de...

– O quê?! Também tu?!

– Sim. Não sabes que é um autêntico suicídio?

– Para quem?! Só se for para as Autoridades Regulares!

– Ora, escusas de falar baixinho que aqui ninguém nos ouve. Deve ser para disfarçar a alta de pressão...

– Não serão os teus argumentos, por mais profundos que sejam, que me vão demover; já estive várias vezes no campo das antigas comunicações, sei trabalhar com aqueles rectângulos escuros, activar as pequenas fichas que guardam nas suas entranhas

e proteger-me das radiações dos seus decibéis, também sei...

– Sabes ganhar dores de cabeça cada vez maiores, não é?! E agora há mesmo horas em que parece que a cabeça vai rebentar ou se sente como se estivesse na varanda do 313.º, com vista sobre o asfalto da cidade, não é assim? Não te lembras da missiva secreta que alertava para os perigos de cancro, o recado que fez desertar a maioria dos crono-contabilistas, assim como das autoras do compêndio séculos-em-séculos, assim como...

– Propaganda! Contra-informação! Tudo para nos dissuadir de escrever as retrospectivas que nos estavam a acordar...

– E as tuas dores de cabeça e as vertigens e a falta de energia? São manobras de propaganda também?!! Ora! Não continuemos a falar assim atravessado...

– Tudo bem. Alguns minutos de trégua. Preciso de descansar um pouco.

– Aposto que é prenúncio de mais uma lancinante chamada cerebral...

– O quê?! O que dizes? Não te consigo ouvir. Preciso de dormir um pouco.

– Dorme, então. Esperarei que entres na frequência REM e logo te direi...

– O quê? Porque sussuras?

– Nada, nada, nada, dorme, dorme. Assim terei oportunidade de te injectar tempos idos.

10 minutos para activar recordações para afectar, 9 minutos, 8, 5 minutos, descarregar conexões oníricas

afectivas, 4 minutos, 2, 1 minuto, agora: on, memórias efectivas.

- "Não vás por aí, **azdescuiinf**! Aí o som é insuportável! Nãaaaao!"
- Pronto, começou a recordar as vidas que perdeu na exploração cronobiológica. Pode ser que ganhe juízo ao olhar para trás. Agora seguir-se-ão as memórias de mais sons da perdição. Como é que ainda tem coragem para voltar ao Campo Magnético dos Antigos?! Os dados já limpos e descodificados pelas equipas de engenheiros-crono-contabilistas são suficientes para nos iluminar. Trata-se de ter acesso à informação, não de a aumentar. Pelo menos por agora, pelo menos...
- "Olá, o meu nome é..."; "Não, aí o barulho é..."; "Não actives essa caixa negra, **azde**..."; "Queira deixar a sua mensagem"; "Depois do sinal"; "O teu ouvido está a pisar uma caixa de vários cartões em..."; "Ligou para..."; "Se desvias agora a tua orelha, todo o *voicemail* contaminado em ondas impuras te explodirá na cabeça! aguenta!"; "Onde está a brigada anti-mensagens??!"; "Trinta pesquisadores do Projecto CronoBiológico com tímpanos em reconstrução, dois chefes atingidos por 'ondas sonoras amigas', um recolector de textos escritosSMS enlouquecido, treze assistentes de descompressão auditiva com frases estranhas na conversação quotidiana, este o trágico balanço da Operação 20..."
- Quanta desolação! Não permitirei que regresse. É que agora nem a equipa-escudo de civis o poderá resgatar

se ficar entre gravações de aparelhos das antigas empresas concorrentes. Silêncio, está a acordar...

– Por todos os Mundos Conhecidos e Desconhecidos! Que pesadelos tive! Parecem-me tantos mais, quanto mais difícil me parece reconstituí-los.

– Ouve, **gravesit**. Não podes voltar à Zona.

– Agora?!! Agora que já perdi colegas, amigos, amores, os colaterais e antecedentes geracionais, só este projecto me resta. Deixa-me em paz. Sabes bem o que a captação cronobiológica nos tem dado. A 13.ª, por exemplo... Ficámos a saber as origens daquele sistema estranho.

– Sim, para nós foi sempre motivo de perplexidade a construção arquitectónica nessa ilha.

– Um contínuo de casas e vivendas por todo o lado. Em cada uma delas vive um grupo familiar abastado e um grupo familiar desfavorecido. Os quartos, salas, assoalhadas dos *up* ficam paredes meias com os quartos, salas, assoalhadas dos *down*. As paredes são espelhos, opacos para os *down* e transparentes para os *up*. Enquanto os *up* gostam do que vêem acontecer na casa dos *down*, dão-lhes dinheiro, recursos, mantimentos e jogos de diversa ordem. Contudo, quando os *up* se aborrecem e zangam com a vida que vêem acontecer a seu lado, só há uma solução: os *down* têm de mudar de apartamento e oferecer o seu quotidiano à visualização de outra família abastada.

– Pois, mas agora percebemos como tudo isso começou e, portanto...

– E, portanto, não posso olhar em frente sem voltar a ouvir os sons que os Antigos deixaram.

– Pára! Se não desistires dessa ideia louca, terei de denunciar-te ao INFOPO.

– Isso é que não. Toma! *Pii, pii, pii, pii, pii, pii, pii, pii, pii.* Pronto, este serviço de adormecedor deixa qualquer //www.ponto inactivo durante pelo menos uma boa meia-hora. Agora só preciso de chegar ao Limite da Zona e carregar os dados.

Interrompemos neste momento para lançar um importante comunicado de Sua Presidência Reinante da 14ª. Suspeit@ dirigindo-se para o Visor Proibido de Acesso à Zona. Qualquer unidade humana de // está obrigada a barrar-lhe o caminho. Em nome do nosso Futuro. Quem não o fizer será acusado de cronoterrorismo. Temos 60 segundos para garantir a ordem temporal. Em nome da nossa Paz.

– Já me procuram. Tenho de activar o Visor rapidamente. Aqui está. Preciso de Sorte.

50 segundos; força especial de mar in *es.eua pronta a lançar único aviso; 48 segundos;*

– Diabos Electrónicos! Qual era a fórmula? 5432?

"Tente de novo, acesso negado"; 30 segundos; "Único Aviso: dentro de dois segundos começamos a atacar local cirurgicamente. Todos os pontos quadriculados serão destruídos";

– Pelo Desconhecido! Só tenho tempo para mais uma tentativa. 3210.

10 segundos; "Acesso permitido";

– Uf!!! Quem diria?!!! O PIN mais fácil e óbvio! Estou na Zona! Agora posso continuar o projecto!

0 segundos;

– Dar-lhe-ei o nome de **Enigma 2004**.

ensaio

O trabalho poesia

mudar o olhar do mundo

por Jorge Fragoso

Orfeu

1.

Escrever em verso
um longo poema-ensaio da palavra por dizer
a dizer como os rasgos da memória do tempo que vem do tempo
dos heróis, homéricos e trágicos, e míticos tão antigos
como aqueles que hoje ainda persistem nos dias que fazemos.
O querer foi olhar o trabalho da palavra, trabalho outro
antes revelado
a prosa prolongada pela página dizendo tentando a ciência
e mudá-lo para outros silêncios
como a voz que lê e fala a língua que nos fala
gravar nela o silêncio que torna enorme o sentido do sentido.
E foi sentir o possível de uma poética outra
tomar nas mãos a ideia – científica académica cultuada cara
e fazê-la mudança do *cânone*, para aconchego maior de dizer
em poema o que era prosa
tentar negar que a prosa deva ser o dever-ser dentro
da estrutura rígida que oprime, da gramática que modela
e que o verso possa dizer a ciência toda
investigada, buscada, conseguida no quieto labor das bibliotecas
na profunda canseira da poeira (mágica)
que os livros deixam presa nas mãos, nos olhos e no sonho
de criar...
Foi Bernstein a fonte deste gosto, talvez ousado
de fazer em verso o ensaio do trabalho, ensaio do ensaio
como disse n' *A-poética* – "tentação de ler em prosa
o longo ensaio-em-verso"[1].

Permanente será pôr em causa, questionar este escrito
que nos autores a comparar existe como exemplo: o ser em verso
a prosa e a prosa mudada para o verso.
Escreveu Aristóteles na *Poética*: uma arte sem nome que recorre
ao verso, permanecida inominada até ao tempo do seu "hoje"[2].
Uma arte de artífice que o fazer ganha valor verbo beleza
sentidos... um fazer feito *poiesis*. E afinal poesia é o fazer
deste fazer que agora é questionado, de novo, uma outra vez:
com juízo de valor do estagirita, não deve ser comparado
com Homero o poeta do tratado médico feito em verso.
Não bastam a rima, o ritmo, a métrica correcta para o nascimento
do poeta... assim seria artífice sem arte, mera técnica.
Como, pois, aspirar ao verso aqui, ao poema do ensaio
ensaio em verso?...
Tentando a palavra, sempre a palavra, como o bardo
aquele que usava a rima, o ritmo
para ajudar a memória dos que ouviam e haviam de transmitir
aos que os ouvissem o sentido do *todo* posto nas palavras.
Na língua, domínio de todos, o bardo criava por saber como fazer
com o saber da fala, a língua e o saber
da história da tribo, do desejo da *polis*, o mesmo dizer
a ser combate se contra a convenção como dirá Bernstein[3].
E o poema celebrava o mito, e o bardo celebrava a palavra
feita poema, e o ritmo fazia o ritual, e o ritual unia a identidade
e o povo era uno e era o símbolo e era o mito, ele mesmo o mito.
Um mito imitado na tragédia[4], a fábula trágica – a acção poética
sobre a tradição do mito, produzindo resultado verdadeiro:
a imitação.
A tragédia suscita o terror, a piedade
e na tragédia nasce a *catarse* purificando os sentimentos

de terror e piedade[5].
Efeito sublime do poema que usa a palavra
para mudar o mundo, mudar o olhar sobre o mundo,
mudar o olhar do mundo sobre...
usa a metáfora – diz Aristóteles – metáfora que transporta
entre as coisas o nome
leva ao género o nome da espécie
cria analogia[6].
Elevada é a poesia que usa palavras peregrinas
metafóricas palavras de fora do uso dos dias
elevada é a poesia que relega o barbarismo feito de palavras
estrangeiras
e bane o enigma feito só do vago sentido da metáfora[7].
Lê-se em Aristóteles o sentido díspar do poema
comparado entre boa poesia e o gosto mau das palavras
justiça poética que o sentir traz à palavra...

De harmonia da palavra do poema
confronto incompatível de músicas incompatíveis
fala Bernstein da poesia de hoje na América de hoje.
Que não exista harmonia, pois impossível se torna
"falarmos uns com os outros" para que bom seja
"ouvirmo-nos uns aos outros"[8].
Poema é a palavra que ganha silêncios, palavra abissal
texto sussurrante quebrado cintilante
abismo de abismos construídos – desafiante feito poesia.
Poesia que diz a paixão do próprio caminho, desenha mundos
se não fora a palavra se não fora o poema
mundos a ficar escondidos a ficar por dizer
recusados sem existência.
Poesia de cacofonia
magnífica

corpos diferentes de sons diferentes[9].
É necessário que este país que somos, este país que falamos
recolha o sublime da diferença das palavras
o confronto, outras vias de dizer o real, o mundo que fazemos.
O caminho pode ser – deve ser – na senda perseguida[10]
a "aversão da conformidade"
um modo de juntar as coisas, separá-las
eleitas coisas, coisas fundamentais, fundas em cada poeta
ditas traduzidas de modo vário em cada poesia
gaguejo que se gagueja, chilreio que se canta,
afinado ou desafinado[11].
Desejo fundo de cada poema – a diferença
ainda que a herança da palavra seja imensa, a gramática ditadora
mas é preciso coxear o sentido palavra
usar o gaguejo que se fala mesmo não sendo a impossível
fala literal, mas usar o uso feito limite da fala que se fala
que nos fala e se deixa assim falar.
Procurar o chilreio afinado pela diferença
(des)afinar o canto próprio em cada minuto do canto
e violá-lo no minuto seguinte contado do tempo.
Assim destruir a regulação-própria, a auto-censura
colhida na cultura que sempre nos enforma.
Na cultura-rejeição que constrói os dias-nossos
de todos os dias
no *cânone* que nos faz estigma, nos afasta, farta e enfraquece
persistir permanecer perpetuar a luta lenta da palavra na diferença.
Mesmo que a diferença seja a bizarria, uma poesia
que fende e fere a palavra instituída, recria nova a *supernova*
que a *divina-crítica* põe no céu da sensaboria
que *coelhos-em-prados* entre nós mastiguem sempre
a mesmidade da mesma *erva*...
e que a *moura-graça* de alguns *vascos* reduza à desgraça

a busca incessante da contra-conformidade.
Esta a nossa justiça poética
a ponte-metáfora traçada no espaço
entre dois lados, de um lado diferença
do outro lado repetição.
Bom saber qual dos lados escolher sem comprometer
opções fundas, sem negar o desejo de busca em equilíbrio.
E na opção do gosto aquele que faz o desenho de uma estética
seguir de novo Bernstein na inclusão maior do poético
que inclui mais do que exclui
que dá voz à sempre outra perspectiva, à sempre outra linguagem
ao estilo diverso múltiplo contraditório[12].
Assim, intervenção social. Presente já em Aristóteles
olhando a tragédia, a poesia fazendo a *polis* a *praxis*
descobrir realidades outras
agora Bernstein defende o poeta alerta ao social
atento ao mundo, pronto a usar imaginação e palavra
construir o real alternativo, denunciar, propor, desconstruir
ser voz da fala que permite ver para lá do imediato[13].
O público a conquistar para esta forma outra
não tem de ser o largo público, o nível nacional:
bastará o agir local, intervir à pequena escala
o poema irá cumprir-se se o pequeno mundo do poeta
puder acontecer, fazer da intervenção um modo forte
de alterar olhares, desconstruir a convenção
reconstruir a alternativa.
Não existe voz universal da poesia para falar ao outro.
Intenso é o lugar do poeta, este lugar aqui
no aqui de um poeta e nele terá de fazer possível
o mudar da realidade na voz localizada.
Imaginação, impacto, choque
o poeta tem de ser a voz silente do seu público

com ela dizer o que outro cala
fazer o espaço breve do comum ser o espaço eleito da vontade
sua e do outro.
A poesia pode ser – tem de ser – o espelho de um desejo
de mudar a instituição, ser conflito, morder o estado parado
do sentido com os dentes da raiz de um outro olhar.
Mesmo no espaço restrito, o combate ao *cânone* dominante
poderá interferir – irá forçosamente interferir – e criar
outro caminho, outros sentidos e fazer nascer de novo o novo.
Na procura sempre de outra dizer, o poeta encontra a forma outra
de dizer, inova a cada instante, recusa a sua própria nova forma
para de novo descobrir outros conteúdos.
Neles sempre a contenda, controvérsia, o contraste
na certeza do trabalho sobre o tema, sobre a palavra
não ser trabalho outro que o passado entrado por herança...
uma herança que se cumpre
se percebe a força da palavra e a força que é usá-la
na defesa do comum modificado.
Como uma voz que se opõe à voz convencional
como um dizer que se faz palavra-contra
o poema não pode ser neutral.
Não é verdade que não haja ideologia
não é verdade a indiferença
porque o poeta indiferente face à luta social
assume como seu o ser da parte dominante.
Talvez não seja necessário o panfletário
poema de cartaz e voz altifalante
talvez nem seja o rumo o gesto morte à burguesia
mas cada palavra que seja
dizer o desejo da *polis*, marcar o anseio de um grupo
é sempre um acto político, um seguir ideologia
um estar contra a convenção.

Poder da palavra na palavra do poema
agitação subversiva da consciência da *polis*
terá o bem de perturbar, promover a acção contra-passiva.
Melhor qualquer agir do que o mole alheamento
entregar de modo inerte o decidir à convenção.
E o agir vive no poema alistado numa luta de mudar o instituído
estimular participação, exortar a alternativa, lembrar
que o esquecer o acto social político solidário
é ceder docilmente a decisão que nos cabe
às mãos arrogantes da estrutura que domina.
A poesia faz consciência da convenção autoritária
e nem preciso é fazê-la destruir-se
mas sempre interferir para alterar a sua figura[14].
Que o poeta não seja ventríloquo de uma voz dominante
nem se faça marginal do seu mundo construído:
a força da poesia, o poder da linguagem
deve usá-los na mudança, ruidoso e incisivo.
O barulho social é um som que a poesia
ergue em voz e no seu eco faz o seu brado ressoar[15].
No seu íntimo toda a escrita literária é um fazer da transgressão[16].
O poeta usa a transgressão para conseguir o seu intento
de mudar o olhar do mundo.
No modo como cria transindividualidade
na forma como quem lê se aproxima do seu eu
muda-se o poeta para o outro
fala a voz do poeta quem o lê numa partilha quase-inteira...
Talvez se apague o nome do poeta
talvez o seu nome seja só "função-autor"
e é possível imaginar um mundo de poema sem autor
no anónimo murmúrio "que importa quem fala?"[17],
sem sentido a pergunta por quem escreveu o poema
quem sentiu

mais valendo o que sentiu o que escreveu.
Sujeito morto como autor autoridade
sobre os ferros da linguagem[18].
Sujeito sempre presente no acto de se mudar
de si para quem o olha na partilha do seu texto
desaparecido somente como dono da linguagem
porque é a linguagem que nos fala
e ninguém cria do nada, as palavras são herança
de outros que as herdaram de outros que as legaram
E o poeta que é sujeito (trans)individual
olha o poema, a palavra, sente-lhe o seu poder
e com ela faz voz comum de uma *polis* que é o seu mundo.

3.

Descentramento do eu
descentro o eu
sou transindividual

descentro o centro
descentro o eu
Copérnico revolucionado
sol do centro ambíguo
fugido largado do centro
terra ao centro

agora o centro do eu
mudado de centro
Deus no centro agora?
o mundo no centro agora?
que centro do centro?
qual centro do centro?

para o golpe no paradigma
o des-centramento
o des-território
para que re-nasça o poema
para que re-nasça o poeta
para que sobre-viva o todo
o grupo a *polis* a tribo[19]
des-centro o eu
con-centro o todo
altero-me para *o-todos*
sou transindividual
voz comum e múltipla

fragmentado fractado fragmento
a levar a voz ao uno
de mudar o mundo em todo.

Porque não sei onde o mito da alma
porque não sei já *cogito* + *sum*
a expressão matemática de um tempo
feito de grade e vereda
campo fechado sombra.

Não sei o caos e desejo-o
não sei o que sou de mim
para mim porquê-de-mim...

Sei um corpo carne desejo
um eu que não é senão
se não ligado religado
religiosamente com
o outro o mito o tempo *o-todos*

Este pensar *moderno*
preciso rasgar a *ratio*
pensar a lógica ausente a lógica
preciso fora do quadrado
como se $A \neq A$
quem sabe $A = B$
ou mais-ou-menos, que importa?...
preciso voltar ao bardo
ao rito antigo dançado
ritual criança, voz repetida, cântico só-voz
ligação do ausente
olhar ciente o nada

e ser feliz
a ingénua forma de um enorme cosmos
a trazer dentro o caos brincando
o sorriso
naturalmente
como se fora parte sempre.

Descentro o eu perco a posse
cinde-se o eu entre o eu
e o plural real dos outros
desagregado eu fragmentado eu
soldado na matéria física[20]
objecto palpável de *o-todos*
coesão da coesão do eu
múltiplo vário
na fractalidade – eu
multiplicadas vozes – eu
eu é e são
eu vezes plurais

eu já não é não sou
porque não quero não posso
posse impossível do eu só de mim
porque sou vozes heranças presenças
nada direi do eu
que não tenha estado na voz
de outros outra língua linguagem
sou um eu em *o-todos*
a voz de *o-todos* é a voz primeira primordial
com ela é feito des-feito
re-feito o olhar do mundo

(Notas)

[1] Bernstein, Charles, "A-poética", in *Revista Crítica das Ciências Sociais*, n.º 47, Coimbra, Fev. 1997, p. 103. Cfr. ainda a nota explicativa das tradutoras que refere: "O primeiro ensaio do livro intitula-se 'Artifice of Absorption' e está, de facto, escrito em verso".
[2] Aristóteles, *Poética*, INCM, 6.ª ed., Lisboa, 2000, p. 104.
[3] *Op. cit.*
[4] Aristóteles, *op. cit.*, p. 89.
[5] *Idem*, pp. 98-99.
[6] Aristóteles, *op. cit.*, p. 134.
[7] Aristóteles, *op. cit.*, p. 136.
[8] Bernstein, *op. cit.*, p. 109.
[9] Bernstein, *op. cit.*
[10] de Bernstein.
[11] Bernstein, *op. cit.*, p. 102, (citação livre).
[12] Bernstein, *op. cit.*, p. 105.
[13] *Idem*, p.104.
[14] Bernstein, *op. cit.*, p. 120, (citação livre).
[15] *Idem*, p. 121, (citação livre).
[16] Foucault, Michel, *O que é um autor?*, Vega, Lisboa, 2002, 5.ª ed.
[17] *Idem*, p. 71.
[18] Foucault, *op cit.*, p. 70-71.
[19] Capinha, Graça, *O acto e o arco em Robert Duncan: primeiras passagens para uma re-escrita da paixão*, Dissertação de doutoramento policopiada, Coimbra, 2002, p. 6 e ss.
[20] Graça Capinha, *op. cit.*, p. 37 ss.

V ENCONTRO INTERNACIONAL DE POETAS

CENTROS E MARGENS

por João Rasteiro

Por vontade dela, todos os poetas
Iam parar ao nono círculo, mordendo-se
No crânio, sôfregos de cérebro, num nexo
De egoísmo e raiva, inferno de maldizentes.

Seamus Heaney
Trad. Rui Carvalho Homem

Os Encontros Internacionais de Poetas surgiram em 1992, como forma de celebrar o centenário da última edição, a "death-bed edition", de *Leaves of Grass*. Em vez de um Congresso académico sobre Walt Whitman, Maria Irene Ramalho, Presidente da Comissão Organizadora dos Encontros, propôs a organização de uma Festa da Poesia em honra do poeta, embora uma festa com acentuadas preocupações académicas e educativas. É de lembrar que a leitura pública de poesia estava pouco divulgada em Portugal no início dos anos 90. Alguns dos membros do Grupo de Estudos Anglo-Americanos (GEAA) tinham já participado em experiências desta natureza, nomeadamente nos EUA, onde a leitura pública de poesia invade não só o espaço das Universidades, mas também os espaços públicos das cidades, desde bibliotecas a livrarias, bares, cafés, parques e até igrejas. Em 1992, a prática era quase inexistente em Portugal. Poetas como Fiama Hasse Pais Brandão e Yvette Centeno liam os seus poemas pela primeira vez em público durante o Primeiro Encontro, em Coimbra, não sem mostrar algum nervosismo. O próprio António Ramos Rosa fazia-o pela segunda ou terceira vez na sua vida. Hoje em dia, em Portugal, a situação mudou. Os Encontros continuaram a inspirar-se no ideal democrático Whitmaniano, através do alargamento ao maior número de ouvintes possível e do empenho na democratização do cânone, ao colocar, ao lado de alguns poetas jovens e menos conhecidos, nomes tão consagrados como, por exemplo, os de Alberto Pimenta (Portugal), Bernard Heidsiek (França), Charles Bernstein (EUA), Harold de Campos (Brasil), José Saramago (Portugal),

David Mestre (Angola), Fiama Hasse Pais Brandão (Portugal), John Ashbery (EUA), António Ramos Rosa (Portugal), Robert Creeley (EUA), Nicole Brossard (Canadá), Seamus Heaney (Irlanda), etc.

Realizou-se em Coimbra o V Encontro Internacional de Poetas, organizado pelo Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no período que decorreu de 27 a 30 de Maio. O evento, que este ano viu o seu financiamento reduzido devido à suspensão, por duas entidades, do apoio financeiro normalmente atribuído, teve mais uma vez (os encontros têm-se realizado de três em três anos, desde 1992), como presidente da Comissão Organizadora, a professora Maria Irene Ramalho, que foi "madrinha" do doutoramento *honoris causa* do poeta irlandês Seamus Heaney, prémio Nobel da Literatura em 1995. O tema da quinta edição destes Encontros foi "Centro e Margens". Participaram cerca de 45 poetas convidados, de todos os continentes. Vindos de todos os cantos do mundo, os poetas reuniram-se em Coimbra para os quatro dias de festa. De manhã à noite, o convívio, a música, o espectáculo e a poesia encontraram-se espalhados por vários pontos da cidade. Além das várias leituras de poemas, mesas-redondas e *performances*, os Encontros incluíram sempre Feiras de livros de poesia, exposições, pintura, fotografia, para além do lançamento de uma antologia bilingue. É importante voltar a referir que a escolha dos poetas que participam nos Encontros tem como princípio subjacente poder juntar poetas já consagrados com poetas pouco conhecidos, ou mesmo desconhecidos (princípio que estará sempre presente).

Embora organizado pela Universidade de Coimbra, o Encontro, como habitualmente, abriu-se à comunidade, tentando envolver toda a cidade e arredores. As manhãs

foram reservadas para as conferências e mesas-redondas e as tardes deram lugar a sessões de leitura. Foram realizadas três mesas-redondas: a primeira tendo como tema "Poética Concreta e Digital", moderada pelo professor e poeta Manuel Portela (e que contou com a presença dos poetas Steven Ross Smith e Tiago Gomez Rodrigues); a segunda, sobre "Vozes", apresentada pela poeta Angolana, Ana Paula Tavares, já hoje, sem dúvida, uma das maiores vozes de língua portuguesa; e a terceira, liderada por Seamus Heaney, subordinada ao tema "Poetry Centers".

As leituras espalharam-se por vários locais emblemáticos da cidade e do concelho, como o Jardim Botânico, Biblioteca

Graça Capinha, João Rasteiro e Charles Bernstein (U.S.A.) junto à porta da Biblioteca Joanina (Univ. Coimbra) em 28 Maio 2004, aquando do V Encontro Internacional de Poetas de Coimbra.

Joanina, Edifício Chiado, Teatro Académico Gil Vicente, Quinta do Casal da Eira ou Ruínas de Conímbriga, onde, na noite do dia 28, a Oficina de Poesia (esse projecto "moldado" por Graça Capinha e que, hoje, já cresceu, criou raízes na cidade, e não só) leu o seu trabalho com o Nobel da Literatura,

Seamus Heaney. Portugal esteve representado por vários poetas: Luís Adriano Carlos, Helga Moreira, Tiago Gomez Rodrigues, Jorge Fragoso, Jorge Melícias, Eduardo Pitta, Virgínia Maria Dias.

Da participação estrangeira (onde se englobavam "poetas-performers") destaque-se a presença do famoso poeta norte-americano do movimento LANGUAGE, Charles Bernstein (EUA), Patrícia Pruitt (EUA), Coral Bracho (México), Steven Ross Smith (Canadá), Chiranan Pitpreecha (Tailândia), John Mateer (África do Sul), Caroline Bergvall (Reino Unido), Houston Baker (EUA), Rachel Blau DuPlessis (EUA), Arnau Pons (Espanha-Catalunha), Erín Mouré(Canadá), Sean Bonney (Reino Unido), Eva Ström (Suécia), Ana Paula Tavares (Angola), François Zénone (França), Michele Leggott (Nova Zelândia), Ch'aska Ninawaman (Peru), Bernat Nadal (Espanha-Catalunha), Evelyn Schlag (Áustria), Philipe Dennis (França), Christopher Sawyer-Lauçanno (EUA), Lisa Robertson (Canadá), Mário Lúcio de Sousa (Cabo Verde), Ponç Pons (Espanha-Catalunha), os brasileiros Carlos Felipe Moisés e Ricardo Aleixo, Gerritt Komrij (Holanda), Fred Wah

Ponç Pons - leitura de poesia no *foyer* do TA Gil Vicente, no V Encontro Internacional de Poetas de Coimbra.

(Canadá) e Nikica Petrak (Croácia), além, naturalmente, de Seamus Heaney.

Refira-se ainda as participações de Raquel Chalfi de Israel e do palestiniano Ghassan Zaqtan, o que mostra bem a ideia de universalidade ecuménica destes Encontros, e que só a poesia conseguiria. Dos Estados Unidos da América à Tailândia, de Angola à Nova Zelândia, passando pela Suécia, Canadá e Israel, vários poetas vão inscrevendo também Coimbra no mapa do mundo. Seria bom que os responsáveis pela cidade de Coimbra assim o compreendesse de vez.

De referir a entrega do prémio de poesia Vítor Matos e Sá, feita no Palácio de S. Marcos, pela Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, vindo a terminar (já com saudades, poéticas e não só) o V Encontro Internacional de Poetas ao som das Adufeiras de Idanha-a-Nova, "ajudadas" no toque do adufe por Seamus Heaney e pelo Senhor Reitor, Prof. Doutor Fernando Seabra Santos. Acontecimento já de prestígio internacional (em todos os Encontros, há poetas a oferecer-se para vir, inclusive a expensas próprias), os Encontros Internacionais de Poetas prometem regressar em 2007, enquanto as forças e os sonhos da Comissão Organizadora persistirem. Para, como refere Maria Irene Ramalho, ser possível continuar a "prolongar a festa bela do supérfluo, que tão essencial nos é enquanto seres humanos".

Livros dos poetas da Oficina de Poesia

espaços
poesia
emiliana cruz

"há espaços
de vermelho
na teia-veia longínqua
a respiração que pára na entranha das sílabas
às unhas de morte"

ISBN: 972-8575-32-7; 2002; 14,8x21 cm; 48 pp. *P.V.P. 5,25* €

A Quarta Sedução
poesia
Alcina Marques de Almeida

Em *A Quarta Sedução*, o conceito de poema-passagem tem todo o sentido para falar deste texto. Encontramos nele muitos dos traços que já caracterizavam [o seu primeiro livro] Palavras Inquietas: o tom intimista, o universo feminino, a casa, o quotidiano, o corpo, as cores, os jogos de luz e sombra, a sinestesia como principal estratégia retórica. Ganhou-se agora, uma outra textura, uma maior plasticidade linguística, um certo experimentalismo lexical e sintáctico.

ISBN: 972-8575-51-3; 2002; 14,8x21 cm; 74 pp. *P.V.P. 10,50* €

O Tempo e o Tédio
poesia em prosa
Jorge Fragoso

Não se pode resistir à sedução desta voz de lúcida penetração poética, que recupera ocorrências íntimas, associações tácitas, insinuados segredos a escorrerem inteiros por entre sortilégios de uma escrita vital.

ISBN: 972-97848-2-5; 1998; 13x21 cm; 44 pp. *P.V.P. 5,25* €

No Centro do Arco
poesia
João Rasteiro

A escrita [de João Rasteiro] surge como acto de amor e vida, no tempo único entre caos e ordem, entre trevas e luz, trabalho realizado numa espécie de vigília que passa; do assombro, à "lucidez do corpo".

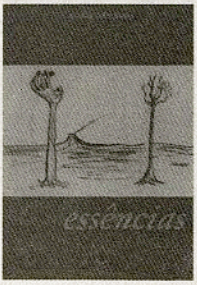
ISBN: 972-8575-58-0; 2003; 14,8x21 cm; 60 pp. *P.V.P. 7,35* €

A Fome da Pele
poesia
Jorge Fragoso

"Este livro significa um ponto de viragem na obra de Fragoso e penso que esta viragem se deve sobretudo a uma nova consciência acerca da sua prática de escrita e do(s) seu(s) lugar(es) de sujeito(s) poético(s) na relação com o corpo da linguagem, que aqui se faz pele – a sua pele, mas também a pele dos outros, a pele do real dentro e fora de si, a pele da comunidade e da história".

Graça Capinha *(do prefácio)*

ISBN: 972-8575-60-2; 2004; 14,8x21 cm; 68 pp. *P.V.P. 5,25* €

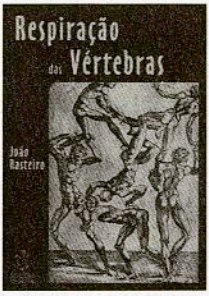


Essências
poesia
Natália Teles Nunes

Uma lição vivida em torno dos princípios fundamentais...

ISBN: 972-98510-0-X; 2000; 14,8x21 cm; 36 pp. *P.V.P. 5,25* €

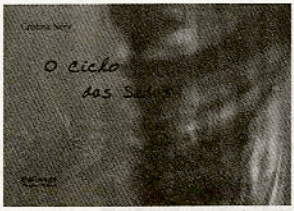
Respiração das Vértebras
poesia
João Rasteiro



Poesia do silêncio, das palavras que respiram, os múltiplos sentidos do sonho, do desejo, da impossibilidade de definir o espaço e o conteúdo entre o corpo e a respiração, entre o sentir e as palavras, sustentadas nas imagens do percurso que não corresponde a nenhuma linha sonhada.

ISBN: 972-98510-6-9; 2001; 14,4x21 cm; 64 pp. *P.V.P. 5,25* €

O Ciclo das Sedas
poesia
Cristina Néry



"Assumindo o risco que isso implica, vou começar por afirmar (...) que este foi um dos mais inovadores livros de poemas em português que li nos últimos anos. E, sem querer entrar em polémicas, se existe a chamada "poesia/ escrita de mulheres", esta será, sem dúvida, a verdadeira voz feminina, aquela que me pode interessar na poesia".

Graça Capinha *(do prefácio)*

ISBN: 972-8575-74-2; 2005; 21x14,4 cm; 46 pp. *P.V.P. 6,30* €

Índice

Editorial 5
Fernando Ferreira 7
Ponç Pons 8
Affonso Romano de Sant'Anna 23
Xavier Zarco 31
Michael Basinski 33
Bill Griffiths 40
Luís Filipe Santos 48
Paulo Renato Cardoso de Jesus 49
Eva Fernandes 51
Georgina 52
aNa B 53
Sandra Guerreiro 55
Georgina 56
H. K. 57

A Ciência dita pela Poesia

Georgina 62
Ângela Canez 63
Fernando Ferreira 66
Cláudia Pinto 67
Georgina 68
Conceição Riachos 69
João Rasteiro 71
Jorge Fragoso 73
Luís Filipe Santos 78
Luís Fazendeiro 79
Fernando Ferreira 82
Margarida Amorim 83
Luís Filipe Santos 86
Rita Grácio 87
Fernando Ferreira 90
Susete Fetal 91
Cristina Néry 93
Liliana Vasques 95
Jorge Vaz Nande 97
João Nery Sá 99
Fernando Ferreira 100
André de Brito Correia 101
Jorge Fragoso (Ensaio) 111
João Rasteiro (Notícia) 125
Livros dos Poetas da Oficina de Poesia 133

Apoios:

Reitoria da Universidade de Coimbra
Conselho Directivo da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

centro de estudos sociais
FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Apoios:

Reitoria da Universidade de Coimbra
Conselho Directivo da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

centro de estudos sociais
FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA